



Associação de Moradores
Francisco Coelho

Nova Cartografia Social da Amazônia

Bairro do Cabelo Seco Marabá 21



Associação de Moradores Francisco Coelho

Presidente:

Edna Cristina Alves Tavares de Carvalho

Vice presidente:

João Carlos Oliveira Santis

1º. Secretário:

José Santos Barreto

2º. Secretário:

Moacir Santis

Tesoureira:

Rita Fontes

Diretor de Esporte:

Antonio Agnaldo Silva

Diretor de Relações Públicas e Humanas:

Cleusete Gonçalves

Conselheiro:

Raimundo Coelho de Souza

Data de fundação: 08 de março de 1986

Data da última eleição: 18 de julho de 2005

Período do mandato: 02 anos



Participantes na oficina realizada no bairro Cabelo Seco, Marabá, 17 de novembro de 2007 (Ana Célia do Carmo Pompeu, Ana Luiza Rocha Silva, Antonio Coelho de Souza, Antonio Silva, Delvira Araújo da Silva, Edna Cristina Alves Tavares de Carvalho, José Isaías Pinto, Jose Ribamar Marques Furtado, Leonardo Souza Maia, Puqueria Lima, Teresinha Maravilha Santis, Sebastião Marques Furtado)

Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia
Série: Movimentos Sociais e Conflitos nas Cidades da Amazônia
Fascículo 20

Bairro do Cabelo Seco – Marabá
Belém, novembro de 2007

ISBN: 978-85-74013-77-0

Projeto Editorial

Alfredo Wagner Berno de Almeida
(PPGSCA-UFAM, FAPEAM-CNPq)



**Associação de
Moradores
Francisco Coelho**

Equipe da pesquisa

Rosa Elizabeth Acevedo Marin
(UNAMAZ - NAEA/UFPA)
Joseline Simone Barreto Trindade
(UFPA - Campus Marabá)
Irislane Pereira de Moraes
(Estudante Ciências Sociais -
UFPA - Campus de MARABÁ)
Rosemayre Bezerra
(Estudante Ciências Sociais -
UFPA - Campus de MARABÁ)

Edição

Rosa Elizabeth Acevedo Marin
Joseline S. Barreto Trindade

Fotografias

Irislane Pereira de Moraes
Rosa Elizabeth Acevedo Marin

Elaboração do Mapa

Rodrigo Lopes

Projeto Gráfico

José Fernandes F. Neto

Em dezembro de 2005, em reunião do Conselho da Cidade e lideranças do movimento social em Belém, foi apresentado o projeto "Nova Cartografia Social da Amazônia" e o resultado dos trabalhos de pesquisa com quebradeiras de côco babaçu e quilombolas. Das situações sociais identificadas gerou a mobilização dos presentes na reunião para o desenvolvimento do Projeto com grupos que vivem nas cidades. A partir desta reunião teve origem a Série "Movimentos Sociais e Conflitos nas Cidades da Amazônia". Esta série inicia com os indígenas, homossexuais, afro-religiosos e negros e negras de Belém e tem continuidade com outros grupos em Belém e outras cidades da Amazônia, como Manaus.



**Cabelo Seco, coração de Marabá, onde tudo começou:
Bairro de lavadeiras, castanheiros, pescadores,
pedreiros, garimpeiros na cidade.**

Lavadeira e castanheira

“Trabalhava de lavadeira de roupa a comadre Joana, Petronila, Isabelzinha. Muita mulher que lavava roupa. A mãe do Doutor lavava roupa. Depois de 1960 lavou para o Rio Grande, para o Araguaia. O mais difícil da vida da lavadeira é carregar a trouxa de roupa, o pagamento. Minha filha quando começou a lavar roupa era dez peças por um tostão, mil reis. Dava comprar com dois mil reis. Dona Joana pescava a noite, deixava os meninos e pegava com a minhoca o peixe mandim. Trabalhei na castanha, no Landin, era o castanhal do povo. Minha mãe, em 1945, chegou naquele beiradão. Ali, tem a fruta e tinha até no Centro Buriti, Cachoeira Ronca-Ronca; era um sítio nosso. Não existia dono de terra. Os Vergolino tirou todo mundo. Eles diziam que nos roubava. Ali era todo situado. Tirava todo pessoal de fora. Ele, Vergolino trazia gente de Belém. Com a mãe e a irmã faziam tirar castanha”. (Dona Delvira Araújo da Silva, mais conhecida por Dona Joaninha)

“Os Maranhão - Dionor Maranhão, dono de Castanhal. Eu fui morar com Edna e a minha irmã. Eu tinha 12 anos. Trabalhava, ajudava cuidar do resguardo da mulher. Acordava seis horas da manhã e sete hora, olhava menino, fazia comida. Ela era muito boa. Sai de lá em 1952, vim trabalhar com Isac Chaves. Ele buscava cachaça. Tinha embarcação e trazia cachaça de Igarapé Mirim. Casei com Manoel Miranda que era de Carolina, era pedreiro. Ele desenhava as casas. Era construção de cal, cal virgem reciclados das caieiras”. (Dona Delvira Araújo da Silva)

“E aí, eu tinha que fazer tudo! ...Era uma lavadeira de mão cheia, indo e voltando. Caía na cama por causa do cansaço que trabalhou durante o dia, né? Ela ainda ia rezar pra amansar o coração da minha mãe; pegava aqueles galhos tudinho; cortava tudinho, botava dentro da garrafa de pinga e deixava curtir um pouco. E aí a maioria das lavadeiras tomavam aquilo dali. Minha mãe não bebia e nem fumava” (Dona Delvira Araújo da Silva).

Pescadores

“Trabalhei na castanha, trabalhei em pescaria e depois trabalhei de pedreiro. A colônia dos pescadores deveria ser aqui no bairro, porque Marabá, foi aqui que começou, aqui tinha mais pescador do que todo o resto de Marabá. Lá onde fica a Colônia, hoje. Antigamente quando a gente era criança, lá era matador, era fazenda. Então, o pessoal, a gente chamava os mesmo da “Santa Rosa” e aqui era o “Peixeiro”. E estou falando a respeito desse pessoal que trabalha com açai, que se fizer, vai tirar, como se diz? O trabalho dele se deixar uma firma, entendeu? Vai desaparecer e igualmente como aconteceu aqui no bairro Francisco Coelho. Porque, agora nós temos uns 10 pescadores só, praticamente aqui no bairro Francisco Coelho, pescadores profissionais e a maioria. Porque hoje em dia pra ser pescador a pessoa não precisa saber jogar a tarrafa, basta comprar uma rede, fazer um cadastro, pagar um....

– “A pessoa vai pescar pra ele” ?

A pessoa vai pescar pra ele. Antigamente, não! Pescador era aquela pessoa que sabia pescar e vivia daquilo, sabia consertar rede. Hoje em dia não é mais como era antigamente. – Sabe, rema?...você joga a rede no meio do rio...vai desaparecer até o “jacumã”, ninguém vai nem saber o que é “Jacumã”

– O que é Jacumã?

– “É uma forma de pescar, uma forma de pescar, a maneira de como ele conduz a canoa de forma correta para poder jogar a tarrafa.” Tem pescador que... pra pescar, usa arco e flecha, (risos)

“Como fazia pra pescar tudo sozinho? _ pra flechar o peixe. O peixe quando.... tarrafa, mede rede, mede anzol... É, rede e tál e anzol bom, se der qualquer mania não desse pra pegar esse peixe, então, tinha outro instrumento que era arco e flecha (risos) tinha que pescar o peixe” (Raimundo Coelho de Souza, conhecido como Xengo)

Origem do bairro Cabelo Seco

“Aqui no Cabelo Seco é um lugar onde as mulheres ... Os homens iam de farra. Havia um presídio perto. Os homens diziam: 'Nos vamos até onde as mulheres do Cabelo Seco'. Havia uma casa de comércio chamada Marabá. Vários versos dizem que eram de cabeças que tinham o cabelo bem... As lavadeiras ... Moças que tinham o cabelo cri, o cabelo carapina. Outras eram moças que viviam no meretrício. Outros contam que era Cabelo Seco, devido que as lavadeiras ficam muito tempo debaixo do sol” (Senhor Xengo, confirmado pelos participantes).

“Era, não..., a minha tia contava e uns escreviam, sabe? as histórias do bairro, de quando eles chegaram aqui, né?, Porque o meu pai nasceu aqui, em 1912. Aqui nesse bairro, mas já faleceu. Meu pai, então, quando ele nasceu, Marabá só ia até aqui, bem aqui; daí onde é o Zinho Oliveira pra cá, daí que se estendeu. E, ai, a gente fazia essa lembrança, o por quê do nome de cada rua, por que não Anastácio de Queiroz, né? por que Antônio Franco? Por exemplo, esta travessa aqui, 15 de Novembro, é realmente homenagem à Proclamação de República, entendeu?” (Professora Teresinha Maravilha Santis)

Viver o tempo das enchentes

“Sei não, eu acho muito difícil, por que em 1980, essa enchente, ela pegou a gente de surpresa. Foi um prejuízo muito grande. Eu mesma perdi uns 150 livros, fotos, história do Marabá. O meu pai e a minha tia quechegaram aqui em 1901, né? A gente nunca tinha tido assim por aqui uma enchente, que não, o máximo...omáximo que a água chegava era essa altura, que foi em 1957. Então, em 1980, a gente fez um giral Aqui encima pra deixar as coisas, porque a gente sabe que volta, né? leva um bucado, então aquelas coisas não leva. Porque a enchente de 1980 pegou o povo de surpresa. Foi uma cheia que era meio metro de pontal por dia,



meio metro de água por dia é muita água. E a gente costumava mudar daqui pra parte mais alta de Marabá, passava um mês e voltar. A gente mudou daqui. Aquelas escolas que abrigavam, com três dias que se tava lá, tive que mudar novamente, e aí a partir de cada lugar que você ia mudando. E a cidade não tava preparada com a cheia daquele tempo, as políticas públicas, aí não era o pessoal da prefeitura. Então, foi improvisado um abrigo, abrigo de lona mesmo, de plástico, essas coisas, sabe? E aí, com isso muita gente perdeu muita coisa, muitas fotos, registros. Eu pelo menos perdi uma vida inteira de fotos, as fotos do meu filho que eu sempre costume ter hábito de tirar desde o momento do nascimento, até..., né? A gente faz isso, e aí com isso, a enchente, ela deixou assim um prejuízo cultural muito grande pra gente, muita coisa foi embora, muita coisa ficou só na lembrança. Eu pelo menos tinha muita coisa escrita, porque eu tinha uma tia que era muito ligada, né? Ela trabalhava no verão, eles eram garimpeiros e no inverno castanheiros, ela trabalhava com 12 homens e eles sabiam de toda essa história e eu fazia essa história a mão. (Professora Teresinha Maravilha Santis)

No Teatro das Professoras Maria Alecrides Bandeira Rocha e Judith Gomes Leitão - D. Santa

“- Uma coisa que foi muito importante na nossa infância aqui no bairro, o teatro da Alecrides; da professora Alecrides, professora de alfabetização... Tudo dela era com teatro. Tudo dela tinha que ser dramatizado. Da professora Alecrides, era. Mas rapaz... ainda me lembro, tinha as pastorinhas. Olha! ela era professora de alfabetização, né? Então, nesse bairro aqui, ela e a D. Santa que também já é falecida, era professora que quase todo mundo já passou por elas, quase todo mundo deste bairro com mais de 50 anos passou pela mão da professora Alecrides para ser alfabetizada. Então, ela criava no final de semana, todo o mês, tinha que ter dramatização. Ela ensinava a gente representar coisas do imaginário popular. Ela criou o grupo de teatro. (Professora Teresinha Maravilha Santis)

“-Tinha lá uma cordinha, né? Tinha a empregadinha; tinha o padeiro, o pintor, né?” (Senhora Ana Célia do Carmo Pompeio)

Padeirinho

Sou um paderinho
Pão ando vendendo

Sou um paderinho
Pão ando vendendo

Venha cá menina que
Por ti ando morrendo (risos)

Sou o padeirinho, pão ando vendendo.

Mestre Pintor

Pan, pan, pan quem é que bate aí?
Pan, pan, pan, quem é que bate aí?
Sou eu mestre pintor vim visitar o seu pasquim
Sou eu mestre pintor vim visitar o seu pasquim

oh! velhinha vem cá faça favor
oh! velhinha vem cá faça favor
Toma uma xícara de café
Toma uma xícara de café

“- Ai, ai.. lá mexia na xícara e colocava o café, e quando ela vinha com a xícara aí ela escorregava, caía e cantava”: (risos)



COMUNIDADE DO CABELO SECO - MARABÁ PIONEIRA



Barco de Castanha e Estaleiros



Casa da Árvore



Casa dos Participantes da Oficina



Boi Pingo de Ouro / Boi Tira Fama



Bloco Copo Furado



Praia Tucunaré



Futebol



Rouxinol



Escola



Igreja



Presídio



Cemitério



Divino



Parteira



Lavadeira



Professora



Catedral



Correios



Bancos Bradesco, Itaú e CAIXA



Loja Maçonica



Centro Comercial



Praça



Olarias

S 0° 21' 10"



**NOVA CARTOGRAFIA
SOCIAL DA AMAZÔNIA**

Mapa Situacional

Elaboração: Rodrigo Lopes
Fonte: Prefeitura Municipal de Marabá (Fevereiro / 2002)
Data: Abril de 2008

Escala Gráfica

0 25 50 75 100 m

W 49° 58' 30"

RIO ITACAIUNAS



RIO TOCANTINS
(RIO GRANDE)



TRAV. MARECHAL DEODORO

TRAV. DA PRAÇA

TRAV. LAURO

TRAV. SÔBRE

BAIRRO DE
MARABÁ PIONEIRA

TRAV. C. LEITE

TRAV. DO RIO BRANCO

TRAV. ALDO MARQUÃO

RUA BENJAMIN CONSTANT (TRAV. DO PIRLÓITO DOCE)

ESTÁDIO DE FÚTEBOL
ZINHO DE OLIVEIRA

MERCADO

oh! velhinha vem cá faça favor
oh !velhinha vem cá faça favor
Vem trazer uma xícara de café mestre pintor
Dona sinhá, a xícara se quebrou
Dona sinhá, a xícara se quebrou
Não temos outra xícara pra dar mestre pintor
Não temos outra xícara pra dar mestre pintor

"- Aí, se juntava os três e se abraçava, iam só dançar...ah, ah (risos). (Senhora Ana Célia do Carmo Pompeio)

"-É, porque, assim, no teatro dela tinha todas as situações. Esta daí era representando os de mais poder aquisitivo, como é que se recebia o trabalhador, porque aqui entre nós..., aqui em nosso bairro tinha uma cultura que quando o pintor ou o carpinteiro, o pedreiro, o pescador vai nos visitar tinha que ter a xícara de café, o café tinha que ter, sabe? Então, ninguém vai trabalhar numa casa no bairro aqui, para não se oferecer: um suco, um café, um lanche para aquela pessoa que esta fazendo o seu trabalho. Então, isso tudo era recontado no teatro da professora Alecrides. Era uma maravilha! (risos)

"--Tem aqui a competição de Miss do papel do bombom. A gente saia juntando todos os papeis de bombom. Às vezes, a gente saia na rua e juntava todos os papeis de bombom da rua. E aí, fazia a contagem na escola. Ajudava a limpar. O objetivo era limpar a rua" (Professora Teresinha Maravilha Santis).



Nas ruas estavam o Arara e o Rouxinol

"-O Arara era só mulher, tinha um que era só homem. No Rouxinol era só homem. Não! No Rouxinol tem a fada e a cigana, só duas mulheres: a fada e a cigana. O Rouxinol, a maioria é homem. Teve a dona Ligia... Agora, o "Rouxinol" também como ele na sua maioria é de homens, ele ia por todo o canto da cidade, aonde chamavam! Principalmente, nas casas das autoridades, que era que mais chamava o pessoal pra fazer apresentação do "Rouxinol", e aí, é que a gente acompanhava, até um certo trecho, porque naquela época! Tudo separado, família prum lado, cabaré pro outro. E eles iam pra todo canto.... E aí, a gente acompanhava e quando a gente chegava oiá a peia em quem saia atrás do "Rouxinol, né? Só homem! E se a mãe via.... E aí, a gente saia atrás do "Rouxinol". E quando lembrava, quando a gente lembrava de voltar pra casa, que naquela época a luz apagava às 10 horas, as 10 horas da noite a luz apagava, só tinha luz... e a gente ia (Professora Teresinha Maravilha Santis).

"- Minha fia, o "Rouxinol tinha torno de 41 anos e eu tinha 14 anos de idade. Tem 40 anos né mana? que o "Rouxinol" não sai, tem que botar esse Rouxinol na rua". (Dona Maria Rocha dos Santos)

"- Agora, o Arara é mais antiga brincadeira, na verdade!.... foi assim uma coisa muito forte na vida de todo mundo...." (Professora Teresinha Maravilha Santis)

Festas do Divino Espírito Santo e de São Sebastião

"-Mas tem uma festa, também, aqui, a festa de São Sebastião?

"- É. A minha sogra tem, não sei quantos anos, sei lá quantos anos, a gente faz também. São Sebastião era festejo, né? Era um festejo mesmo que juntava muita gente, agora hoje só faz mesmo a reza no dia do São Sebastião, né? Na época, levantava o mastro, sim senhora. Agora, hoje, não levanta mais o mastro. E tinha também o festejo do Divino Espírito Santo, que era do seu Irineu". (Professora Teresinha Maravilha Santis e João Carlos Santis)



Dançar Sussa na Festa do Divino

"O Sussa é na festa do Divino. Só no Amapá (Bairro de Marabá). É, lá mesmo na igreja. Aí tinha o leilão, aí tinha a dança do Sussa... Sussa é uma dança que os homens ficam com os pés no chão, e pés no tamanco e a mulherzinha descalça vai segurando assim na saia e os homens vão dançando. Os homens ficam pa-pa-pa-pa no chão, né? E a mulherzinha dançando com a saia. Ele lascava o pé assim no chão e a mulher vinha assim rodeando.

E, a música. É, a que eles inventavam mesmo. É, assim que eles chegam pra passar o dia na sua casa, aí vão almoçar, jantar. Aí de noite eles fazem a Sussa" (Senhor Antonio Coelho).

"- Ah! é tipo assim, é um desafio? Eles pegam e brincam? Ah! Aí, daí aquela coisa é o desafio. Aí tem uns pedaço que a gente faz assim, inventa. Isso mesmo! Ele improvisa. Mas é na base do improvisado mesmo, mas têm uns passos que é aquela toada mesmo, rotineira. Mas tem o improvisado". (senhor José Isaias).

"- Qualquer hora que você chegar ali no Amapá. Aí, você vai direto no festejo do Divino". (Senhor Sebastião Marques)

"- Quem faz os festejos lá, são os homens. E tem mulher. As mulheres vão só pra dançar, mas não faz o desafio, não faz o desafio. Isso migrou daqui pro Amapá. Aí, o pessoal que foi daqui levou... até Itupiranga os cantadores daqui, daqui do bairro..." (Senhor Antonio Coelho)

"- Os Foliões mesmo. Mas não tinha ninguém? Não, eram eles mesmos. E cada um que entrava na dança mesmo, quem sabia dançar e cantar, mesmo. É igual o Rouxinol. Porque o Rouxinol, por exemplo, o caçador canta o cangaceiro, canta o doutor, canta todo mundo, canta! Então, a pessoa que entra nessa brincadeira tem que saber. Por exemplo, o "doutor". O "doutor" tem a música do doutor; tinha o cangaceiro; tinha o "doutor; tinha o curandeiro e o feiticeiro né? Aí na hora que matavam o Rouxinol, aí os rapazes ficavam tudo na fila né? Aí iam cantar chamar o cangaceiro aí chamam..." (Senhor Antonio Coelho)

Festa de Santana e Santos Reis

"- Você se lembram da festa de Santana...?"

"- Ave Maria! Essa meninas, isso aí, tudo era menina.



"- Santos Reis era o seguinte: uma semana antes do Natal, né? Uma semana antes do Natal que vocês começavam a sair? Não, não era antes do Natal. Elas saíam antes de casa em casa. De casa em casa cantando o Santo Reis e aí terminava dia 06 de janeiro. Era uma grande festa, isso trazia o prefeito! Tinha gente que vinha do Estado, de autoridade do Estado, que vinha participar da festa do Santo Reis, todas as noites" (Professora Teresinha Maravilha Santis).

"- A música é assim":

É chegado o justo tempo
De janeiro dia seis
Essa ... mostrei
Oh! gente
Venha ver
Venha ouvir
Cantar o Rei

"- Ia de casa em casa, de casa em casa. Eles passavam um horário que as pessoas já 'tavam deitado, que era pra pessoa ter o trabalho de levantar e vim receber. Tinha pessoa que era preguiçoso, realmente, não levantava, mas a grande maioria, levantava, sabe? A grande maioria levantava!"

Ano bom
Festa de Reis
Com prazer
Pedidos venho
Essas mãos são generosas
Segura esperança eu tenho
Essas mãos tão generosas
Segura esperança eu tenho

"Ai, a pessoa dava uma pausa e vinha com o que tinha: ovo ou dinheiro, ou o que a pessoa quisesse dar, né? Ai, a pessoa dava esmola".

Deus te pague a sua esmola
Que nos deu de coração
Deus te dê saúde e paz
No reino da salvação

"- Isso aí! Era menina assim, eu já sabia acompanhar. Eu só dormia depois que o "Reis" passava. A comitiva do Santo Reis, né? Isso foi muitos anos e por isso que não esqueço. Conheço desde pequena". (Professora Teresinha Maravilha Santis)

O boi

"- Ai, o boi bumbá, escola de samba Sabiá, mas escola de samba sabiá não me recordo... Mas tinha uma brincadeira que era só de homem; não me recordo.... Depois a escola de samba que aqui do bairro Sabiá; hoje do bloco. Hoje a dona que fundou o Sabiá.. hoje, ela é evangélica. Ela não mexe mais com carnaval.

Toada de Boi

"- Atira no boi nego Chico que eu tô caçando um jeito não é Isaías?

- É a tua espingarda que...

Aí o Chico atirava no boi.

O boi caía.

Aí o Chico tirava a língua do boi

Chico tira a língua do boi

Chico tira a lín...gua...

"-Eram eles que cantavam pro Chico tirar a língua, pra cantar moda pra eles". (Senhora Maria Rocha)

O facão tá cego
O facão tá cego
E ele não quer cortar
Chico tira a língua
Chico tira a língua" ...

Contadores de história do Bairro Cabelo Seco

"-O contador de história do bairro apanhava a lamparina e botava nós tudinho pra sentar e contar a história do Nego d'água. Nós éramos crianças.





O contador de história do bairro, nem todo mundo tinha energia na cidade. E mesmo a cidade passou um bom tempo sem energia. Botava a lamparina e chamava pra ouvir histórias do Nego d'Água, da Boiúna, da Matinta Pereira.

O Nego d'Água que era, na travessia do rio ali. O pessoal, às vezes a noite ia. Ia atravessar e de repente saía aquele neguinho na frente das canoas. Era um neguinho. Bem negrinho, liso que nem sabão. O pessoal via. O pessoal daqui conta. Eu não vou duvidar.

- Porque uma vez uma tia da minha mãe, né? que já morreu há muitos anos. Ela morreu com 99 anos, aqui, vindo do Maranhão. Elas atravessando o rio aí, chegaram aqui branca, parecendo um papel; com medo de ter visto o nego d'água, eu não sei se era o Boto, ou não sei o quê. Elas viram uma coisa. Então faz parte também do imaginário popular, da mente... Quando ela pulou disse em cima do papelão, que olha era preto, preto, liso, igual sabão. Aí, parecia uma criancinha, um menino mais ou menos de uns quatro anos, né? Sorrindo pro lado dela, só ficava a cabecinha pro lado de fora, não fazia mal para ninguém." (Professora Teresinha Maravilha Santis)

Quem curava, rezava no Cabelo Seco

"-Nossa! O Cabelo Seco tinha gente que curava! Tinha a dona Adélia. Ela que era médium. Dona Adélia, ela era Terecozeira, ela tratava das pessoas. Usava pra curar muitas ervas. Mataram ela no garimpo. Mataram pra roubar. Ela tratava lá das pessoas, fazia remédio pras pessoas ficar bem, ter sorte no garimpo e aí, eles davam o ouro pra ela... Botou ouro nos dentes dela. Acho que mataram foi no garimpo do Maranhão. Foi no garimpo, foi no Goiaba, no Goiaba... Foi lá no Mato Grosso? Eu nem lembro mais se foi no Mato Grosso ou se foi no Pará. Acho que foi no Pará. A Adélia era da Bahia, arretada.... pretona alta, mais alta, mais alta que a Ana". (Dona Maria Rocha dos Santos)

O Terecô

No Terecô tem a medalha ...Aí, a mulher... O espírito vem. Aí, chega, reza, ali, para todo mundo acompanhar. Aí, todo mundo começa a rezar. Aí, a gente começa a rezar o terço, quando termina o terço ela..., ela faz uma defumação nas pessoas; aí tem ali uma pinga; aí quando começa a oração, aí, as pessoas que tem, né? Aí tem uns cara que bate o tambô, aí começa a bater, e nego começa cair no chão, e rolando... As mulheres dançando, mas era gostoso demais! (Dona Maria Rocha dos Santos)

Parteiras e rezadeiras

"-Minha primeira filha nasceu na Sumauba, no garimpo, por baixo de Itupiranga. Aí, o segundo nasceu aqui em Marabá e o terceiro nasceu lá no Ipixuna. Aí, a parteira disse assim pra mim: 'você vai ter cinco filhos!' Aí eu disse: "Eu não quero mais ter filho, não. Vou largar meu marido e não quero mais casar. Não tem quem agüente! Ela disse 'eu vou fazer um remédio pra você' ..Era porque ela era pretinha, magrinha, quebradeira de coco de primeira. Rezadeira, assim, rezadeira e benzedeira. Sabe como é daquelas mesmos que... Você olha assim você pode não acreditar, mas você levava a criança com ela... Ela olhava assim, se fosse coisa de médico ela dizia pra ti que era coisa de médico, se fosse coisa de reza ela rezava e tu já saía de lá.

Ela morou no Cabelo Seco. E é a mãe do "Doutor", é a mãe pretinha. Ela era a minha madrinha de fogo, de fogueira. É que a madrinha de fogueira aqui, tem o mesmo valor significativo; tem o mesmo respeito. Era assim, passava na fogueira ... Geralmente, era fruta que a gente usava: lima, laranja. Passava o fogo e dizia: "São Pedro confirmou que a Terezinha vai ser minha madrinha que Jesus Cristo mandou!". Aí, pronto, aquilo ali era uma força da oração e tava consagrada. Era uma consideração. Fazia as fogueiras de São João São Pedro. Não tinha sem fogueira oh! Se por exemplo se a senhora fosse minha "cumade" e a senhora não tivesse no dia eu passava, arrudeava a fogueira com as frutas; quando você chegasse chupava as frutas e estava consagrada, tava consagrada e aí já era minha prima, minha irmãzinha, meu amor. Era tudo... Tava consagrado já a amizade, a consideração. Era muito bom! (Dona Maria Rocha dos Santos).

Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia (Fundação Ford - PPGSCA - UFAM)

Série: Movimentos Sociais e Conflitos nas Cidades da Amazônia

1. Indígenas na Cidade de Belém
2. Homossexuais na Cidade de Belém
3. Afro-religiosos na Cidade de Belém
4. Negras e Negros na Cidade de Belém
5. Catadores na Cidade de Belém
6. Pessoas com Deficiência na Cidade de Belém
7. Feirantes dos Portos Públicos de Belém
8. Ribeirinhos das Ilhas de Belém
9. Afro-religiosos na Cidade de Belém: terreiros, casas e templos religiosos
10. "Histórias de luta e conquistas dos moradores do Riacho Doce e Pantanal no Igarapé Tucunduba", Belém
11. "Fé e Esperança: Mulheres Guerreiras de Campo Sales", Manaus
12. "Histórias de Lutas e Conquistas dos Moradores do Bairro Jesus Me Deu", Manaus
13. "Famílias da Comunidade Parque Riachuelo I", Manaus
14. "Bairro Parque Riachuelo II: História, Conquistas e Reivindicações", Manaus
15. "Ontem um dono, hoje milhares: A História Bairro Parque São Pedro", Manaus
16. "Comunidade Negra de São Benedito da Praça 14 de Janeiro", Manaus
17. Indígenas na Cidade de Manaus: Os Sateré-mawé no Bairro Redenção
18. Mulheres Indígenas e Artesãos do Alto Rio Negro em Manaus
19. Comunidade "Beco dos Pretos" Morro da Liberdade - Manaus - AM
20. Indígenas na Cidade de Rio Preto da Eva - Comunidade Indígena Beija-flor, Rio Preto da Eva - Amazonas
21. Bairro do Cabelo Seco - Marabá

Realização



**Associação de Moradores
Francisco Coelho**

Apoio



FORD FOUNDATION



Instituto Amazônico de
Planejamento, Gestão Urbana
e Ambiental



UNAMAZ



UFAM
PPGSCA

